

O SOM E A REPRESENTAÇÃO DA NEGRITUDE EM *URUCUNGO*

SILVA, Érika Karla Almeida da (UFPB)
SILVA, Aline Cunha de Andrade (UFPB)
OLIVEIRA, Juliana Goldfarb de (UFPB)

RESUMO: Este trabalho tem como principal objetivo analisar alguns dos poemas presentes na obra *Urucungo* (1932), do escritor modernista Raul Bopp. Este escritor é fortemente marcado pelas concepções do Movimento Antropofágico, responsável por impulsionar as tendências do Vanguardismo Europeu, sobretudo no que diz respeito ao primitivismo e negrismo. *Urucungo* é considerado o livro mais representativo da influência do negrismo na geração vanguardista, abordando temáticas relacionadas à história e à cultura afro-brasileiras, no entrecruzamento do presente e do passado. Nessa perspectiva, lançaremos o nosso olhar sobre a referida obra a fim de reconhecer as características desse movimento, revelar a representação do negro no fazer literário e investigar a ideologia que perpassa os poemas. Para embasar tal análise, utilizamos como aporte teórico Lopes (2004), Fanon (1952) e Araújo (2009). O trabalho é subdividido em três seções, abordando respectivamente a biografia de Bopp e sua aproximação com a cultura negra; a relação entre o poeta e o movimento antropofágico; e, por fim, a representação da negritude nos poemas de *Urucungo*.

Introdução

Neste trabalho nos propomos a tecer uma análise acerca da obra *Urucungo* (1932), do escritor modernista Raul Bopp. Este livro reúne poemas sobre a negritude, poemas esses que são fortemente marcados por características antropofágicas e abordam temáticas relacionadas à história e à cultura afro-brasileiras. Nessa perspectiva, lançaremos o nosso olhar sobre essa obra a fim de reconhecer tais características e revelar a representação do negro no fazer literário, bem como a ideologia que perpassa os poemas.

O referente trabalho é apresentado em três momentos: a biografia de Bopp e sua aproximação com a cultura negra; a relação entre o poeta e movimento antropofágico; e, por fim, a representação da negritude nos poemas de *Urucungo*.

1 Raul Bopp e suas influências

Para entender como se procedeu a relação entre Bopp e a cultura negra, assim como sua participação no movimento antropofágico, é interessante conhecer um pouco de sua vida e suas influências culturais.

Nascido no distrito de Vila Pinhal, Rio Grande do Sul, em 4 de agosto de 1898, Raul Bopp começou a demonstrar seu viés literário por volta de 1917, com os seminários *O Lutador* e *Mignon*, em Tupanciretã, cidade gaúcha para a qual se mudou em seus primeiros meses de vida.

Bopp fez graduação em direito, no período de 1918 a 1922, cursando o primeiro ano em Porto Alegre (RS), o segundo em Recife (PE), o terceiro em Belém (PA), e concluiu seu curso no Rio de Janeiro (RJ) em 1922 – percorrendo, dessa forma, do sul ao norte do país, e conhecendo as histórias, folclores e culturas dessas regiões. Vale

ressaltar que sua ida ao Norte do Brasil e a aproximação com a cultura indígena lhe inspirou a escrever a sua principal obra - *Cobra Norato*. Já sua passagem por Recife, em decorrência do que escutara sobre o negro fez nascer nele o desejo de escrever um livro sobre esse segmento tão excluído da sociedade brasileira.

Esse interesse em conhecer as especificidades das diversas tradições brasileiras foi componente fundamental para sua noção de brasilidade, próximo ao que pregava o grupo Antropofagia, tornando-se, posteriormente, um “arquétipo simbólico” da luta desse grupo.

Após se formar, o autor de *Urucungo* torna-se repórter, e continua suas viagens em busca da diversidade. A partir desse interesse, Bopp iniciou seus estudos etnológicos afro-brasileiros, e, influenciado por esses estudos, incorporou a temática negra na sua poesia.

Através da obra *Urucungo*, Bopp explicita suas pesquisas em torno da situação histórica e cultural do negro escravizado. Seus poemas revelam sons, rituais e tradições afro, sem que estes estejam estereotipados ou que sejam entendidos como menores; pelo contrário: em seus poemas há uma denúncia da forma como os negros eram inferiorizados pela brutalidade da escravidão.

As características antropofágicas em *Urucungo* se dão através da representação da memória cultural do negro – como imagens místicas e retorno ao primitivismo – e conseqüentemente da identidade brasileira, já que desse modo o poeta procurou entender as particularidades do Brasil.

2 Antropofagia Boppiana

O movimento Antropofágico é responsável por impulsionar as tendências do Vanguardismo Europeu, sobretudo no que diz respeito ao *primitivismo* e *negrismo*. Pretende-se unir através da escrita aspectos da cultura africana e indígena.

Dentro desse contexto, *Urucungo* é considerado o livro mais representativo da influência do *Negrismo* na geração vanguardista. A presença marcante da cultura africana na obra relaciona-se com o desejo de retomar e valorizar a sua influência na formação histórica do Brasil, enquadrando-se na proposta Antropofágica de reafirmar a identidade cultural.

Urucungo reconstitui a partir da temática, todo o percurso da cultura africana. Desde as origens míticas, passando pelo período escravocrata, até a atual situação dos negros nas favelas em morros brasileiros. A memória e a cultura retratadas não partem de impressões individuais, mas de um conjunto de sentimentos que dizem respeito a um imaginário coletivo e histórico de um passado que é de todos.

3 O Som da Negritude

A obra aborda a temática dos negros desde suas origens, passando pelo período de escravidão, até chegar à sua atual condição na sociedade.

No poema “Urucungo”, que intitula e inicia a obra, encontramos a figura de Pai-João como representante da cultura e da memória dos negros. Vale ressaltar que esses elementos não são individualizados, mas sim coletivos e históricos. E por meio deles se dá a recomposição do passado de uma nação. O poema remete ao sofrimento físico e psicológico deixados como marcas da violência do sistema escravocrata. Podemos observar essas características a seguir:

Urucungo

Pai-João, de tarde, no mocambo, fuma
E as sombras afundam-se no seu olhar.
Preto velho afoga no cachimbo a lembrança dos anos de trabalho que lhe gastaram
os músculos.

Perto dali, no largo pátio da fazenda,
umbigando e corpeando em redor da fogueira
começa a dança nostálgica dos negros,
num soturno bate-bate de atabaque de batuque.

Erguem-se das solidões da memória
coisas que ficaram do outro lado do mar.

Preto velho nunca mais teve alegria.

Às vezes pega no urucungo
E põe no longo tom das cordas vozes que ele escutou pelas florestas africanas.

Dói-lhe ainda no sangue uma bofetada de nhô-branco.
O feitor dava-lhe às vezes uma ração de sol para secar as feridas.

Perto dali, enchendo a tarde lúgubre e selvagem,
a toada dos negros continua:

Mamá Cumandá
Eh Bumba.
Acababá Cubebé
Eh Bumba.

(BOPP, 1998, p.199)

A figura do Pai-João representa um ancião negro que rememora as suas origens e revela as seqüelas deixadas na carne e na consciência, pela crueldade praticada contra ele (metonímia do todo). A toada triste marca a impossibilidade de apagar esse passado de sua memória.

O fumo aparece como símbolo de uma evasão e reencontro com o passado em suas terras de origem. O fumo faz parte dos rituais do candomblé, umbanda, tendo uma presença marcante nas manifestações religiosas Afro. As ervas, o fumo, a maconha, estabelecem relações com o mítico, quando utilizadas nos rituais religiosos, mas também é usada para o relaxamento após um dia de trabalho intenso. A presença do fumo também ocorre em outros poemas, sempre em uma das acepções citadas. O poema “Diamba” também estabelece essa relação, explicitada no próprio título, que é um dos epítetos da Cannabis (maconha).

A dança em torno da fogueira, representada na segunda estrofe, é simbólica, pois representa a perpetuação e renovação de valores da cultura africana, reafirmando a identidade cultural. É uma forma também de agregar os grupos e socializar memórias e costumes, remetendo à ancestralidade. O último verso da segunda estrofe, proporciona a partir da aliteração muito forte das oclusivas ‘t’ e ‘d’, a sensação de estarmos ouvindo um batuque de atabaque. Essa união entre som e sentido (tão presente ao longo da obra)

nos faz sentir o ritmo da África. Vale ressaltar que “urucungo” significa berimbau - um instrumento africano de cordas, ligado à tradição oral de grande parte da África. A percussão presente no poema é associada à resistência da cultura negra em meio à opressão. Essa sensação é proporcionada pela união de aspectos fonéticos (som) e semânticos (sentido).

Na sexta estrofe do poema, é revelada a brutalidade que acometeu essa nação, transformada em mercadoria do sistema escravocrata. Os signos que registram a presença dessa memória de sofrimento são: “sangue”, “bofetada”, “nhô-branco”, “feitor” e “feridas”. A “bofetada” se relaciona com o atraso e a barbárie do país, aspectos a que o Movimento Antropofágico se opõe e sobre os quais tece críticas.

No segundo verso dessa mesma estrofe, a presença do termo ‘ração’ nos permite falar que há uma animalização dos negros. Ao escancarar uma cena do cotidiano do negro escravo, esse poema fomenta uma visão crítica sobre o passado. O poema se encerra com uma toada cantada pelos próprios negros, cujas vozes ecoam no dizer poético.

Percebemos uma forte relação entre os poemas “Casos da negra velha”, “África” e “Mãe-preta” que revelam lendas da tradição africana e nos remetem a uma ligação com o sagrado e também à representação de um espaço africano atemporal. O sagrado tem uma presença marcante retomado a partir das lembranças da “Mãe África” e dos rituais de resistência cultural diante da opressão do sistema escravocrata. Reproduzimos abaixo os três poemas supracitados para podermos proceder a análise.

Casos da negra velha

A floresta inchou

Uma árvore disse:

- Quero virar elefante,
E saiu correndo no meio do mato

Aratabá-becúm

Aquela noite foi muito comprida
Por isso é que os homens saíram pretos

(BOPP, 1998, p.203)

África

A floresta era um útero.

Quando a noite chegou
As árvores incharam.

Aratabá-becúm

O homem amedrontado espiava no escuro.
A selva carregada de vozes ia crescendo no sangue.
Quando vieram as estrelas

o carvão-animal filtrou a luz das estrelas.

(BOPP, 1998, p.204)

Mãe-preta

- Mãe-preta me conta uma história.

- Então feche os olhos filhinho:

Longe muito longe
era uma vez o rio Congo...

Por toda a parte o mato grande.
Muito sol batia o chão.

De noite
chegavam os elefantes.
Então o barulho do mato crescia.

Quando o rio ficava brabo
inchava.

Brigava com as árvores.
Carregava com tudo, águas abaixo,
até chegar na boca do mar.

Depois...

Olhos da preta pararam.
Acordaram-se as vozes do sangue,
glus-glus de água engasgada
naquela manhã do nunca-mais.

Era uma praia vazia
com riscos brancos de areia
e batelões carregando escravos.

Começou então
uma noite muito comprida.
Era um mar que não acabava mais.

... depois....

- Ué mãezinha,
por que você não conta o resto da história?

(BOPP, 1998, p.207-208)

Nos três poemas encontramos explícita ou implicitamente a idéia da floresta como sendo um útero, o berço da negritude. Esses poemas também nos levam a pensar em duas relações: quando as florestas incham surgem os negros; quando a água incha surgem os brancos. Nos dois primeiros poemas, aparece a expressão “Aratabá-becúm”. E no primeiro e no último poema aparece o símbolo “elefante”, um elemento das savanas africanas.

No poema “Casos da negra velha” o quarto verso - “E saiu correndo no meio do mato” – nos remete à imagem do escravo fugido. Na última estrofe, é feita uma analogia entre a cor do negro e a cor da noite. É constante a figuração poética das árvores, as quais se empregam, no corpo do texto, sob uma perspectiva fantástica.

Em “África”, a repetição do termo ‘estrelas’ nos dois versos da última estrofe provoca em nós uma surpresa, como sugere Oswald de Andrade. O verso “A selva carregada de vozes ia crescendo no sangue.” nos faz pensar na tradição oral, tão forte na cultura africana. Podemos ainda falar em uma possível relação entre o carvão-animal e a colonização, considerando que os colonizadores carregavam os negros dentro dos porões dos navios negreiros, filtrando-lhes a possibilidade de contemplarem a luz das estrelas.

Já no poema “Mãe-preta”, a imagem do rio brigando com as árvores pode ser entendida como uma metáfora da chegada dos opressores escravocratas, dado que as árvores simbolizam a África e que escravocratas lá chegaram pelas águas. Estas são, inclusive, testemunhas do sofrimento dos escravos nos navios negreiros. Nesse poema, aparece novamente a expressão “vozes do sangue”, que ecoam na memória dos negros.

A África, como também os elementos naturais que constituem a nação, apresenta características humanas, demonstrando sentimentos e praticando ações. Observamos esses aspectos nos três poemas citados.

Por fim, destacamos os poemas “Favela” e “Favela n.2” que fazem um diagnóstico da atual condição social dos negros na realidade brasileira. “Favela” se apresenta como um retrato sócio-geográfico dos morros. No poema, “Favela n.2” transparecem as relações de poder na sociedade, revelando que os negros ainda são inferiorizados e estereotipados. Na sétima estrofe prevalece a imagem da mulher negra como objeto sexual, que o homem branco acredita ter o direito de usufruir para se satisfazer. A última estrofe evidencia a condição submissa do negro imposta pelas classes ditas “superiores”.

Conclusão

Urucungo de Raul Bopp apresenta o canto negro sob uma nova perspectiva, fugindo da visão estereotipada dos negros, que era influenciada pelos estudos positivistas durante o início do século XX.

A obra estudada corresponde às propostas antropofágicas, ao lançar um novo “olhar” sobre os negros, valorizando a sua cultura, desnudando a maldade da sociedade patriarcal e trazendo à tona a realidade da negritude no Brasil. Desse modo, se transforma o *tabu* em *totem*.

Urucungo pode ser considerado um panorama da trajetória da cultura africana em terras brasileiras, ao passo que a memória e a cultura retratadas não partem de impressões individuais, mas de um conjunto de sentimentos que dizem respeito a um imaginário coletivo e histórico de um passado que pertence a todos.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, José Helber Tavares de. *A representação poética do negro e sua cultura em Urucungo de Raul Bopp*. Dissertação (Mestrado) – UFPB/CCHLA. João Pessoa: 2009.
- BOPP, Raul. *Poesia completa de Raul Bopp*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- LOPES, Nei. *Enciclopédia Brasileira na Diáspora Africana*. São Paulo: Selo Negro, 2004.
- TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.